

“Europa ou Sivriada” e “Cidadania em Transição”: Um Estudo dos Corpos em Transição em duas Crônicas de Paul B. Preciado

“*Europa ou Sivriada*” and “*Cidadania em Transição*”: A Study of Bodies in Transition in two Chronicles by Paul B. Preciado

Elissa da Costa Mattos¹

 <https://orcid.org/0009-0001-9589-8225>

Resumo

O presente artigo é um estudo de duas crônicas do livro *Um apartamento em Urano – crônicas da travessia*, obra que retrata as vivências do filósofo queer Paul Beatriz Preciado durante sua transição/redesignação de gênero em viagens pelo mundo. Em “*Europa ou Sivriada*”, o autor escreve sobre o trânsito pelas ruas e ilhas de Istambul, sobre as instalações de arte, passeios que fez sozinho ou acompanhado de participantes da bienal de arte, que acontecia na cidade, retratando realidades conflituosas e corpos subjugados. Sua função é escrever sobre a Bienal de Arte de Istambul, sendo que o faz sob seu olhar dissidente e insurgente. Em “*Cidadania em transição*”, Preciado escreve sobre as relações possíveis entre os corpos trans, migrantes, refugiados e exilados, diante das forças de produção, fiscalização, seleção e exclusão de identidades: o Estado-nação destacadamente no contexto neoliberal. O presente artigo apresenta referências de simbologias utilizadas pelo autor, desvela sentidos reais e aportes históricos, e analisa as informações e correlações estabelecidas em cada crônica e entre elas. Alguns teóricos fundamentais para a análise foram: Augé (2003), Certeau (2001; 2008), Butler (2015), Merleau-Ponty (2006) Tuan (1983).

Palavras-Chave: Dissidências; Migrações; Transição; Preciado.

Abstract

This article is a study of two chronicles from the book “*Um apartamento em Urano – crônicas da travessia*”, a work that depicts the experiences of queer philosopher Paul Beatriz Preciado during his gender transition/reassignment while traveling around the world. In “*Europa ou Sivriada*”, the author writes about traversing the streets and islands of Istanbul, about art installations, and the walks he took alone or accompanied by participants of the art biennial that was taking place in the city, portraying conflicting realities and subjugated bodies. His role is to write about the Istanbul Art Biennial, which he does from his dissident and insurgent perspective. In “*Cidadania em transição*”, Preciado writes about the possible relationships between trans bodies, migrants, refugees, and exiles in the face of the forces of production, surveillance, selection, and exclusion of identities, particularly in the neoliberal nation-state context. This article presents references to symbols used by

¹ Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás, elissageo@gmail.com.

the author, unveils real meanings and historical contributions, and analyzes the information and correlations established in each chronicle and between them. Some fundamental theorists for the analysis include Augé (2003), Certeau (2001; 2008), Butler (2015), Merleau-Ponty (2006), and Tuan (1983).

Keywords: Dissidences; Migrations; Transition; Preciado.

Introdução

Paul B. Preciado, dissidente de gênero e espaço, um corpo em transição

Paul B. Preciado é filósofo e um dos fundadores da teoria *queer*, ao lado da também filósofa Judith Butler. Paul nasceu Beatriz Preciado, em 1970, na Espanha. Talvez por isso, entre suas produções literárias estão obras que dinamitam os estereótipos homem/mulher, homo/hétero, natural/artificial e que propõem uma teoria do corpo que seja, também, estratégia de resistência ao poder. É filósofo, migrante, transexual, transfeminista, jornalista, escritor, curador, *anarcoqueer*, antiestatal, neologista, desidentificável, incontido e incontrolável. É um ser humano fora dos padrões. Preciado é um dissidente utópico das teorias em que se apoia e dos teóricos que o inspiram. É um dissidente dos espaços e de gênero, um corpo em constante transição.

A escritora Virginie Despentes, no prefácio do livro *Um apartamento em Urano – crônicas da travessia*, o descreve com maior assertividade: “Estabelecer-se não te interessa. Você deseja o estatuto de clandestino permanente... você deseja um gênero utópico... você escreve entre os possíveis e, ao fazê-lo, implementa um outro possível.” (Prefácio *In*: Preciado, 2020, p. 15).

Neste livro, *Um apartamento em Urano – crônicas da travessia*, o filósofo assume-se uranista ao mesmo tempo em que coloca em cheque a ideia de almas femininas encerradas em corpos masculinos. Acolhe a teoria do terceiro sexo, defendida pelo jurista alemão Karl Heinrich Ulrichs, em 1864, especialmente por sua premissa de que os uranistas “não são doentes ou criminosos”.

O gélido Urano, “primeiro planeta descoberto com a ajuda de um telescópio” é também “o lugar distante e etéreo onde os deuses tinham seus apartamentos” na mitologia grega, o “teto sólido do mundo, casa dos deuses, limite da abóboda celeste” é o lar escolhido. Urano é o filho de Gaia (Terra), nascido de uma relação não heteronormativa clássica, que castra o pai Cronos (tempo) e, de cujos órgãos amputados faz nascer Afrodite (Amor). (Preciado, 2020).

A introdução da obra mistura sonho e mitologia, pois, para Preciado, a consciência não basta para a compreensão do presente, “ao fim e ao cabo, a vida começa e termina na inconsciência” (Preciado, 2020, p. 19) e é o psiquismo humano um grande criador e processador da realidade. Já nas primeiras páginas da obra, Preciado deixa claro que seus textos, embora jornalísticos, não estarão amparados no possível, no visível e no aceitável. Sua voz vem do exílio, do não reconhecimento social, da criminalização e enlaça as dissidências. Características estas que identificaremos nas duas crônicas analisadas neste artigo.

Um apartamento em Urano – crônicas da travessia nasceu, sobretudo, em aeroportos e quartos de hotel. Alguns textos foram publicados em mídias europeias e no jornal francês *Liberation*, entre 2010 e os primeiros meses de 2018.

Enquanto ele escrevia sobre os espaços, cidades, países pelos quais transitava, estava ele mesmo em trânsito íntimo; presenciou e escreveu como “migrante de gênero” sobre o que Deleuze e Guattari chamaram de “ressurgências edipianas e concreções fascistas” — a implantação nada suave do neoliberalismo global. Preciado afirma que “diante do aumento dos poderes edipianos e fascistas, surgem as micropolíticas da travessia.” (Deleuze; Guattari *apud* Preciado, 2020, p. 38). As insurgências e as dissidências seriam os únicos caminhos possíveis para os corpos em transição e é sobre a relação entre esses corpos dissidentes e insurgentes, incluindo o do autor, que pretendemos nos debruçar neste artigo.

O estudo das crônicas causa estranhamento e incômodo e remete à perspectiva fenomenológica do existir no mundo de Michael de Certeau (2001, p. 202): “Existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas”. Assim, as crônicas nos levaram a perguntar: poderia, o corpo, ser espaço estranhado, reconhecido, acolhedor ou inóspito, assim como os territórios? Sob esse viés, lugar, espaço e corpo poderiam ser paralelamente, objetos de designação, conformação, representação, opressão, marginalização, reação e resignificação? Quem são os sujeitos dissidentes, insurgentes e por que forças foram silenciados?

O autor que começa a escrita dos artigos como “dissidente lésbica *queer*”, na posição social e jurídica feminina, os conclui como Paul, identificado legalmente como do gênero masculino, porém, reconhece-se “sempre, no meio da encruzilhada”, como dissidente e insurgente de gênero e de espaço, de onde afirma:

Eu ousaria dizer inclusive, que os processos de transição são os que permitem compreender melhor a transformação política mundial da qual estamos enfrentando. A mudança de sexo e migração são duas práticas de transição que, questionando a arquitetura política e jurídica do colonialismo patriarcal, da diferença sexual e do Estado-nação, situam um corpo humano vivo nos limites da cidadania, talvez até daquilo que entendemos por humanidade. Além dos deslocamentos geográficos, linguísticos ou corporais, o que caracteriza as duas viagens é a transformação radical não somente do viajante, mas também da comunidade humana que o acolhe e rejeita. (Preciado, 2020, p. 31-32).

De acordo com Yi Fu Tuan (1983, p.10) “Para experienciar no sentido ativo, é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto. Para se tornar um experto, cumpre arriscar-se a enfrentar os perigos do novo.” Sendo assim, este artigo propõe um novo pensar a partir de duas crônicas que são capazes de impactar o fluxo experiencial e propõe ainda tentar alcançar a perspectiva de um indivíduo que se nega ao título de experto.

Corpos em travessia, realidades da transição

Cruzei inúmeras fronteiras com esse passaporte constantemente questionado adaptando-me a contextos políticos que exigiam uma feminilização express: fazer a barba, echarpe no pescoço, uma bolsa, uma entonação mais aguda da voz... e meu corpo na intenção de atravessar a fronteira reencarnava a feminilidade que eu tinha desaprendido para transformar-me em Paul. [...] A travessia exigia ao mesmo tempo flexibilidade e determinação. A travessia exigia perdas, mas as perdas me forçavam a inventar a liberdade. (Preciado, 2020, p. 36).

“Tudo o que somos está em nossos registros”, seria uma afirmação bastante razoável para quem está perfeitamente adequado à chamada normatividade, mas quem está? É com esta provocação que Preciado inicia a crônica *Cidadania em transição*. “Uma pessoa está diante de um portão de embarque num aeroporto, numa fronteira, na recepção de um hotel ou ainda numa agência de automóveis. Mostra seu passaporte ea comissária, o vendedor, o recepcionista, o administrador ou o agente de alfândega...” (Preciado, 2020, p. 220). Antes que se conclua o parágrafo, o leitor é colocado numa condição de questionamento sobre si e sobre seus documentos de identificação, como se ele próprio estivesse sob avaliação: Tenho a mesma aparência dos meus documentos? Estou adequadamente vestido? Serei eu, aceito? “Não é você!” responde o interlocutor.

Preciado, que já havia declarado que somente a consciência não abarca a complexidade humana, constrói uma narrativa hipotética a partir do que ele viveu como “migrante de gênero”. A documentação de identidade aparece como um manifesto dos limites, permanências e da mobilidade dos corpos e a narrativa consegue impor aos “abençoados pela normatividade” uma situação a que corriqueiramente é submetida um corpo trans. “Essa poderia ser uma cena onírica de um pesadelo ou o momento álgido de uma ficção patafísica. É, no entanto, um acontecimento habitual na vida cotidiana de uma pessoa trans, à espera da mudança legal de sua identidade.” (Preciado, 2020, p. 220), esclarece o autor.

É possível perceber que a construção da narrativa prende os sentidos do leitor. Apoiando-nos em Yi Fu Tuan (1983) poderíamos afirmar que “o sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas, mais precisamente a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência” (Tuan, 1983, p.11). e, dessa forma, aguçar a percepção da realidade relatada.

Judith Butler (2015) afirma, em sua obra *Relatar a si mesmo, crítica da violência ética* que:

Só podemos reconhecer e ser reconhecidos sob a condição de sermos desorientados por algo que não somos, sob a condição de experimentarmos uma descentralização e “fracassar” na tentativa de alcançar nossa identidade pessoal. Pode surgir um novo sentido de ética desse inevitável fracasso ético? (Butler, 2015, p.60).

A sentença “Não é você!” produziria um terrível mal estar, talvez argumentações ávidas e até em alto volume, sobre os direitos e a legalidade do sujeito reprovado, desde que este não fosse uma pessoa trans nem nenhum outro corpo considerado “disfórico de gênero”.

Preciado relata a vontade de responder à altura: “Pegue seu passaporte e diga-me se aquele é você

ou não. Aposto que não!”, mas silencia-se. Recorre, então, à cena central de Hegel em *Independência e dependência da consciência de si: dominação e escravidão* para que o leitor entenda sua posição de “escravo” não como figura histórica, mas como alegoria que ilustra a consciência de si diante da performance necessária, frente ao sistema que o vigia e cerceia. Ele diz: “sei que nessa cena, meu papel é de escravo e não de senhor” (PRECIADO, 2020, p.2 2 1). Dessa forma, ao retornar a si como consciência repelida, rompe com o desfecho que se anunciava e realiza a travessia espacial.

Novamente acessamos Judith Butler para explicar a profundidade e os antecedentes do silenciamento do corpo trans, que poderia também ser do migrante proposto pela narrativa. Butler afirma que o reconhecimento da própria identidade pode ser sobrepujado pelo discurso exterior, sem que seja a anunciação exterior, a definidora da sujeição. “Sujeição consiste precisamente nessa dependência fundamental em relação a um discurso que nunca escolhemos mas que, paradoxalmente, inicia e sustenta nossa agência.” (BUTLER, 1997, p.2).

O narrador diz estar “entre dois sistemas de representação excludentes” e reconhece que as fronteiras não estão abertas para um dissidente de gênero, ainda que sua nacionalidade não esteja no *hall* das ameaças imagéticas do poder europeu, visto que ele é espanhol, a fronteira alemã. “Volto para o cercadinho do reconhecimento: as fronteiras do jogo da linguagem estão cheias de instituições de reclusão e castigo.” (PRECIADO, 2020, p. 221). Voltar é a ação possível diante da violência que, primeiro paraliza, depois castra e melancoliza. Aqui recorreremos ao texto de Safatle, que corrobora com Butler sobre violência e melancolização:

Podemos mesmo dizer que o poder nos melancoliza e é desta forma que ele nos submete. Esta é a verdadeira violência, muito mais do que os mecanismos clássicos de coerção, pois violência de uma regulação social que internaliza uma clivagem, mas clivagem cuja única função é levar o eu a acusar si mesmo em sua própria vulnerabilidade. Desta forma, a melancolia aparece como uma das múltiplas formas, mas a mais paralisante, de aceitar ser habitado por um discurso que, ao mesmo tempo, não é meu mas me constitui. (Safatle apud Butler, 2015, p.190).

Sucesso do sistema, Preciado recua das suas defesas mais pungentes, recolhe sua insurgência e abriga-se nos protocolos administrativos que detém o poder de ditar os limites identitários de sua existência no mundo. Assim, o filósofo lança mão dos aparatos ideológicos excludentes para garantir seu corpo dissidente de gênero, nega sua árdua desconstrução *queer* e diz, apoiado pela carta de sua advogada, que o reconhecimento da sua identidade masculina é objeto de trâmite no judiciário do Estado Espanhol. O recuo da pessoa que se apresenta diante do poder julgador, avaliador e constritor ou punitivo do Estado-nação, revelado na narrativa, choca o leitor que, após mais de quarenta crônicas, espera que a afronta às normas seja irrefreável.

Preciado retoma o sentido provisório e paradoxal que dá título à crônica, *Cidadania em trânsito*, ao afirmar que esses sujeitos pedem apenas por “formas de sujeição social livre”:

O que trans e migrantes estão solicitando ao pedir mudança de gênero ou asilo são as próteses administrativas (nomes, direitos de residência, documentos, passaportes...) e bioculturais (alimentos, medicamentos ou compostos bioquímicos, refúgio, linguagem, autorrepresentação...) necessárias para que possam se construir como ficções políticas vivas. (Preciado, 2020, p. 222).

O entendimento da crônica nos remete às reflexões da introdução da obra, ao lembrar que Karl Heinrich Ulrichs foi um dos primeiros cidadãos europeus a declarar publicamente “querer um apartamento em Urano”: “Falar é inventar a língua da travessia [...] projetar a voz numa viagem interestelar: traduzir nossa diferença para a linguagem da norma, enquanto continuamos a praticar em segredo um blá-blá-blá insólito que a lei não entende.” (Preciado, 2020, p. 25).

Maurice Merleau-Ponty (2006) afirma que é o sujeito quem constrói o espaço em sua percepção, dizendo que são os sentidos humanos e a subjetividade responsáveis pela construção da realidade objetiva. A narrativa construída na crônica aflora os sentidos do leitor. Nesse sentido, Merleau-Ponty reafirma que o corpo “é um objeto sensível a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores, e que fornece às palavras a sua significação primordial através da maneira pela qual ele as acolhe.” (Merleau-Ponty, 2006, p. 317).

Europa ou Sivriada: O olhar de um dissidente sobre a Bienal de Istambul

O tapete é um lar bidimensional, um apartamento têxtil que se desdobra sobre o asfalto, instalando uma hospitalidade tão intensa quanto precária. Mas para quem? Quem é recebido e quem é expulso? Qual é o povo que tem direito ao lar? Como redefinir o demos mais além do domos? (Preciado, 2020, p.169).

Em setembro de 2015, Preciado caminha pela cidade de Istambul, observa e tenta seguir um cão de pelo escuro, sujo e ferido que sobe sem parar pelas ladeiras do bairro de Beyoğlu. Confronta essa visão com a do vendedor que estende seus tapetes cobrindo a rua sobre a qual passam, como num “salão a céu aberto”: bem-vindos transeuntes e carros. Entre sonho e delírio, acredita que aqueles tapetes poderiam ser sua casa e que aquele cão, que carrega na orelha um número que o designa como animal vagabundo e esterilizado, poderia ser seu. Perde o animal de vista, enquanto passa por ruas onde mulheres vestem *chador* e ruas onde trabalhadoras sexuais seminuas exercem a prostituição.

Para Preciado, “esses dois estatutos da feminilidade”, embora pareçam opostos, não se conflitam, “são apenas duas modalidades (resistência mimética e subordinação subversiva) da sobrevivência no capitalismo neoliberal”. Considera então, que ambas as vestimentas e performances são constructos para garantir a sobrevivência diante do aparato social de produção de identidade. Porém, ouve de sua parceira de caminhada, a artista e ativista Nilbar Güreş, que “a cada mês assassinam pelo menos uma mulher transexual, sem que a polícia leve a cabo a menor investigação”. (Preciado, 2020, p. 169).

Em seguida, o autor faz o percurso por museus e galerias previstos para a Bienal de Arte de Istambul

e segue, guiado pela organização do evento, para uma das ilhas dos antigos Príncipes. Espera-se que arte e a beleza sejam os focos de sua escrita, ao menos neste trajeto de enclaves gregos transformados em destino de verão para altas classes turcas, mas não é o que acontece. Ao receber o anúncio de que, naquele ano, a bienal dirigida por Christov-Bakargiev tinha compromisso ativo com as políticas feministas e ecologistas, Preciado arranca novamente o olhar do leitor do conforto proposto pela Bienal e relata que:

Contudo ao chegar à ilha, o que surpreende é o estado famélico das centenas de cavalos atrelados às charretes retrô-kitsch que levam os turistas ao mosteiro e aos mirantes. Adnan Yildiz, curador e ativista turco, explica que a cada verão os cavalos são sacrificados ou morrem de fome nos estábulos vazios da ilha, pois não é rentável alimentá-los fora da temporada. (Preciado, 2020, p. 169).

A leitura remete a Michel de Certeau quando afirma que “[o] espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (Certeau, 2001, p. 202). Voltando à crônica, na mesma página, Preciado coloca em xeque a univocidade e a estabilidade das construções sociais: “Uma bienal ecologista-feminista em Istambul é isso: um montão de sandálias e sapatos Prada pisando esterco quente de cavalos que vão morrer no inverno. E meus próprios sapatostambém estão entre eles”. (Preciado, 2020, p.170).

Preciado conduz a narrativa sobre a tragédia dos animais como forma de subversão em seu próprio ofício jornalístico e como dissidente da função esperada de um curador, não há dúvida. Certeau (2008) nos dá suporte para a compreensão da escrita de Preciado que refuta a ideia de que os bens culturais são recebidos de maneira passiva e reitera que há uma pluralidade da cultura possível de ser observada a partir da análise das práticas cotidianas. Observamos que não há somente uniformização e obediência na vivência cotidiana, mas também, inventividade e criação. Para Preciado, na prática de seu ofício, há “o espaço para a disciplina, mas também para a antidisciplina, para a dissidência, para a subversão”.

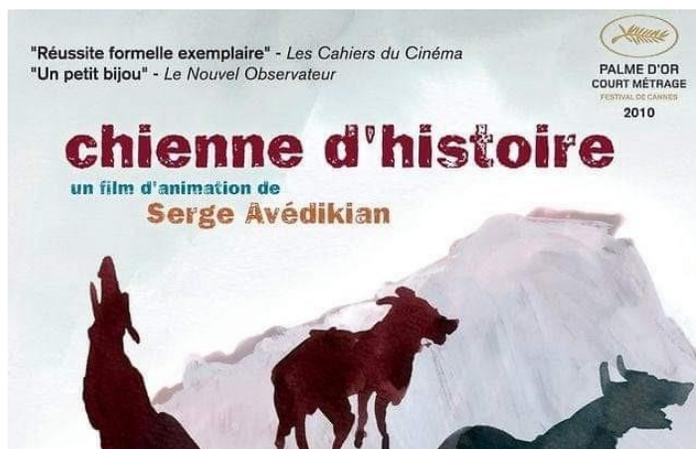
Como dissidente também de sua função de dar cobertura aos interesses expressos da Bienal, planta o questionamento: “Que sentido tem fazer uma bienal de arte sem levar em consideração as políticas locais? Qual pode ser a função da bienal de arte num contexto de repressão política das minorias sexuais, religiosas, animais, étnicas... e migrantes?” (Preciado, 2020, p.170). Integra a narrativa que, em 1910, o governo turco tenha levado para uma ilha próxima, chamada Sivriada, um enorme número de cães que ocupavam ruas e becos do então Império Turco-Otomano e lá tenha os abandonado sem nenhuma condição de sobrevivência. “O que surpreende, não é que tenham sido deportados (a exclusão é uma das técnicas necropolíticas mais ancestrais) mas que, ao ouvir seus lamentos, ninguém tenha sido capaz de voltar para salvá-los.” (Preciado, 2020).

Sobre esse mesmo tema, as políticas modernizadoras e higienistas ocidentais que culminaram na desgraça dos cães de Sivriada ganharam o prêmio Palma de Ouro de 2010, com o curta de animação do diretor franco-armênio Serge Avedikian, “*Chienned’Histoire*” (Cães ilhados). A animação sobre o “Massacre Canino de Hayırsızada” é apontado como alegoria do genocídio do povo armênio, durante a Primeira Guerra Mundial. Em análise sobre a animação, o escritor Corrêa (2019) publicou:

Movidos pelo ideal nacionalismo do panturquismo, o governo dos Jovens Turcos tinha por objetivo a adoção de políticas de valorização de Turcos e turco-descendentes em detrimento de outras etnias que habitavam o Império, em especial os que professavam o cristianismo, como os armênios. (...) Tropas do Império obrigaram a população armênia das cidades a abandonarem suas casas e se deslocarem em direção às áreas desérticas da Turquia. Nesta marcha forçada, muitos foram os que morreram por fome, sede, doenças ou ataques das tropas que, em tese, deveriam zelar por sua segurança. Estima-se que 800 mil pessoas foram mortas neste período. (Corrêa, 2019).

A seguir, *folder* original, ressaltando o prêmio Palma de Ouro de 2010, da animação “*Chiienne d’Histoire*”, ou “Cães Ilhados”, na tradução oficial brasileira.

Figura 1: “*Chiienne d’Histoire*” ou “Cães Ilhados”, curta de animação do diretor franco-armênio Serge Avedikian.



Fonte: RHR (2019).

Na sequência da narrativa, Preciado reencontra o mesmo cão e outrossigualmente marcados, no parque Gezi e revela que “toda noite o parque recebe milhares de refugiados humanos que, como cães, vão dormir ali. Há cerca de 1,5 milhão de refugiados cruzando Istambul rumo a Europa”. A travessia desses sujeitos pareceu interessante por um tempo, quando o governo de Erdogan acreditava poder usufruir da mão de obra barata e transformá-los em “reféns eleitorais” mas, atualmente, a região se transformou em “um grande corredor no qual o refugiado perde toda e qualquer condição de cidadão político, enquanto transita desde a Ásia até a Europa, transformado em cão vagabundo” (Preciado, 2020, p.171).

Preciado destaca nesse trecho, a coisificação ou a negação da humanidade dos corpos em trânsito e a violência do Estado que pode decidir sobre a cidadania ou não, acolher ou rejeitar, conforme interesses políticos e econômicos. O autor afirma ainda, na crônica “*Cidadania em trânsito*”, que “a densidade ontológica-política de um corpo trans ou de um corpo migrante é menor que a de um cidadão cujo gênero e nacionalidade são reconhecidos pelas convenções administrativas dos Estados-nações onde habita.” (Preciado,

2020, p.222).

Na pequena ilha onde, segundo Preciado, “estão os ancestrais do nosso cão vagabundo” está a instalação do francês Pierre Huyghe para projeção do vídeo *De- extinction*, realizado em 2014, que mostra o interior de uma pedra de âmbar, repleta de insetos. “É como se aquela situação estivesse congelada há milhões de anos”, descreve o artista, em entrevista, sobre a obra exposta no espaço onde a evolução da história mostrasse questionável. Em entrevista, Huyghe finaliza:

Temos animais que chamamos de domésticos porque convivemos e dividimos ambientes com eles, assim como há animais dos quais queremos nos livrar, como aranhas e mosquitos. É muito interessante o fato de um ser tão diminuto se tornar algo a que temos de dar tanta atenção. (Molina, 2016).

O indivíduo que, como Preciado, chegou e voltou de barco à Istambul pelo Bósforo, vivenciou antes mesmo de aportar, a viagem que os cães realizaram até o exílio, em 1910, e a travessia histórica e atual de seres humanos pelo estreito que liga o Mar Negro ao Mar de Mármara, encontro entre Ásia e Europa. Sobre a travessia lemos: “Navegando pelo Bósforo tenho a impressão de estar no coração do mundo pela aorta. A pulsação da urbe é a sístole e a diástole do planeta”. (Preciado, 2020, p.169).

É provável que nenhum dos convidados para a Bienal, consumidores ou expositores, houvesse refletido sobre a importância do trajeto ou estivesse interessado sobre suas desgraças históricas ou recentes. Por que Preciado decide desenvolver seu relato a partir de menções infelizes? É ele mesmo quem responde, algumas páginas depois, na crônica *Cidadania em transição*:

A pessoa trans é representada como uma espécie de exilado que deixou para trás o gênero que lhe foi designado ao nascer (como quem abandona sua nação). O estatuto da pessoa trans é, em termos político-legais, semelhante ao do migrante, do exilado e do refugiado. Todos eles se encontram num processo temporário de suspensão de sua condição política (Preciado, 2020, p. 221).

De tal maneira, é como se alguns corpos, sob específicas condições, não tivessem o direito à existência e, especialmente, à mobilidade; é como se estivessem fadados à imobilidade, fixos como territórios e rasos de significação. Marc Augé (Ano) escreveu sobre um efeito “mágico” da construção espacial e sobre a complexidade humana apontada por Preciado: “O próprio corpo humano é concebido como uma porção de espaço, com suas fronteiras, seus centros vitais, defesas e fraquezas, sua couraça e defeitos. [...] o corpo é um espaço compósito e hierarquizado que pode ser investido do exterior” (Augé, 2003, p. 58).

Continuando a peregrinação pelos espaços da bienal, Preciado destaca a chegada à casa onde o intelectual comunista Leon Trotsky se exilou e escreveu parte de sua biografia, entre 1929 e 1933, a qual era o local da instalação de Adrián Villar Rojas, “anunciada como clímax estético da bienal.” O que em suas palavras seria “uma série de dramáticas e pretenciosas esculturas” foi descrita de forma bem mais generoso no catálogo da Bienal. De acordo com a curadora Carolyn Christov-Bakargiev, na Revista Continente, girafa, elefante, rinoceronte, gorila, bois e outras espécies feitas de diferentes materiais, incluindo lixo orgânico eram:

Animais encarando a casa (...) como se estivessem esperando alguém – talvez o fantasma de Trotsky, talvez nós, visitantes da exposição – aparecer... Talvez esses animais emergindo como zumbis ou monstros do mar, em retorno de onde todos nós viemos, o caldo primordial da vida, sejam os últimos habitantes da Terra que voltaram, num futuro imaginário, para assombrar e reclamar a terra depois das catástrofes da Anthropocene (“era” definida para demarcar a intervenção humana no planeta a partir da Revolução Industrial). (Mindêlo, 2016).

Sobre a obra *The most beautiful of all mothers* (A mais bonita de todas as mães, em livre tradução), de Rojas, Preciado perguntou: “Serão estes os animais com os quais a bienal se preocupa?” (Preciado, 2020, p.170).

Os questionamentos apresentados durante a crônica revelam-se como afiada estratégia para implicar o leitor na condição desumana e degradante daqueles que se conduzem em descompasso aos interesses do capitalismo vigente; revelam que as ações de apagamento são inúteis diante dos dissidentes do espaço, como são quanto aos de gênero, mesmo que sejam eficientes na desumanização.

Butler, filósofa que bebe na fonte de Foucault e é parceira de Preciado no estudo da Teoria *Queer*, nos ensina que:

Embora a teoria social do reconhecimento insista no papel das normas quando se trata de construir a inteligibilidade do sujeito, nós entramos em contato com elas principalmente por meio de trocas imediatas e vitais, nos modos pelos quais nos interpelam e nos pedem para responder à pergunta sobre quem somos e qual deveria ser nossa relação como os outros. (Butler, 2015, p. 44).

Dessa forma, ao conduzir a narrativa evitando a responsabilização moral do leitor com afirmações fechadas, a autora conduz a reflexão de que “existe um outro que não me é totalmente conhecido ou conhecível”, palavras de Butler. Preciado, embora não se encaixe na definição de viajante ocasional ou acidental, promove um discurso permeado por simbologias que promovem intimidade com o “não-lugar”, pois, as crônicas trazem um mundo “onde se multiplicam, em modalidades luxuosas ou desumanas, os pontos de trânsito e as ocupações provisórias.” (Augé, 2003, p. 74).

Na crônica Europa ou Sivriada, Preciado apresenta ao leitor que “uma bienal de arte pode ser isso: o contrário da arte”. Pode ser o movimento dos “colecionadores, sandálias Prada já bem sujas e vestido Miyake à mostra”, que se extasiam e compram (Preciado, 2020, p.170) e pode ser “o povo dos vagabundos esterilizados. Cada um deles é o final de uma longa história de sobrevivência.” (Preciado, 2020, p.171). As sandálias Prada e seus próprios sapatos estão já bem sujos e não é mais possível ou nunca foi realmente possível conter as diferenças e o trânsito dos diferentes, “se o neoliberalismo abateu as fronteiras econômicas, agora é necessário derrubar as políticas” e complementa:

Se não formos capazes dessa transformação, a comunidade econômica europeia será para os refugiados uma nova ilha Sivriada onde, sem reconhecimento político e apoio material, estarão condenados a devorar-se uns aos outros até morrer (Preciado, 2020, p.171).

Sobre o cão ferido e errante, escreveu: “Deitaríamos juntos e eu passaria a tarde acariciando-o. Mas

ele não para”. Alguém que gosta de interpretar os sonhos talvez se perguntasse o que levou Preciado à identificação com o cão marcado? Virginie Despentes, ainda no prefácio de *Um apartamento em Urano – crônicas da travessia*, escreveu sobre Paul: “A sua história não é a de passagem de um ponto a outro, mas de errância e do interlúdio como lugar de vida. Uma transformação constante, sem identidade fixa, sem atividade fixa, sem endereço fixo, sem país.” (Preciado, 2020, p. 14).

Considerações finais

O presente artigo foi realizado a partir da análise da obra *Um Apartamento em Urano*, amparado pelo arcabouço teórico do estudo sobre literatura e espaço, investigações sobre gênero, migrações, teoria *queer* especificamente, política, economia e cultura.

Preciado estabelece na escrita da obra e, destacadamente nas crônicas escolhidas, relação de equivalência entre seu processo de transição/redesignação de gênero e os modos de habitar o espaço.

As crônicas da travessia são um testemunho de um sujeito que não está confortável no mundo e não está buscando um mundo confortável. Um sujeito que decidiu esmiuçar seus incômodos e, estranho a toda normalidade, reconhecer o ser e os espaços para além da normatividade.

Este estudo não traz “notícias das margens”, traz notícias de Urano que, como destacou o autor, “não é reino de deus nem a cloaca”, muito pelo contrário, traz o reconhecimento de outra verdade, incômoda, que não pode ser delineada nem contida, mas, que pode ser provocada e deve sair da opacidade. Dessa maneira, desperta uma série de incômodos que reforçam a importância das crônicas, visto que foi preciso explicar que não são notícias das margens, portanto, marginais, são de outro mundo (não acessado) e que tampouco são divinas ou sujas/impróprias.

Justificou-se esse estudo, o fato de que acessar a profundidade dos relatos exige questionamento crítico, tal como suspender o juízo, condição indispensável para reconhecer existências para além das próprias vivências.

Nas duas crônicas escolhidas para este artigo, Preciado alinhavou referências, simbologias e vivências de sujeitos cujos corpos estão em transição de um estado para o outro, ou de um Estado para o outro. Assim, foram objetivos deste estudo: desvendar esses sujeitos, esses espaços e as forças que forjaram historicamente a opressão.

Este artigo buscou apresentar as formas de transitoriedade de gênero, de corpe e de espaço nas crônicas *Cidadania em transição e Europa ou Sivriada*, da obra *Um apartamento em Urano*; quis ainda ressaltar as indicações espaciais, políticas, econômicas e sociais, propostas pelo autor, além de convocar o leitor à compreensão dos sentidos profundos da vivência dissidente.

Importantes estudiosos da teoria de literatura e espaço contribuíram para esta investigação, filósofos de outras áreas também e, não foi possível, ainda assim, encontrar respostas para as questões suscitadas pelo autor, porém, foram plantadas inquietações.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Papirus, 2003.

BUTLER, Judith. **The Psychic Life of Power**: Theories in Subjection. Stanford, CA: Stanford University Press, 1997. p.2.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: Crítica da violência ética. São Paulo: Autêntica, 2015.

CORRÊA, Luís Rafael Araújo. Cães Ilhados: uma metáfora do Genocídio Armênio em animação. **Revista História em Rede**. 2019. Revista Online. Disponível em: <https://historiaemrede.medium.com/c%C3%A3es-ilhados-uma-met%C3%A1fora-do-genoc%C3%ADdio-arm%C3%AAnio-em-anima%C3%A7%C3%A3o-ead4a001db03>. Acesso em: nov. 2020

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

CERTEAU, Michel de. **Artes do Fazer**: Introdução Geral e Capítulo III – Fazer com: usos e táticas. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MINDÊLO, Olívia. Bial: a emersão de Istambul. **Revista Continente**. ed. 281. fev. 2016. Disponível em: <https://www.revistacontinente.com.br/secoes/arquivo/bial--a-emersao-de-istambul>. Acesso em: nov. 2020.

MOLINA, Camila. Pierre Huyghe exhibe o filme De-extinction e cria sala com insetos na 32ª Bienal de São Paulo. **Estadão Online**. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,pierre-huyghe-exibe-o-filme-de-extinction-e-cria-sala-com-insetos-na-32-bienal-de-sao-paulo,10000069718>. Acesso em: nov. 2020.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: Crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RHR - Revista História em Rede. Cães Ilhados: uma metáfora do genocídio armênio em animação. uma metáfora do Genocídio Armênio em animação. **Revista História em Rede (RHR)**. 2019. Disponível em: <https://historiaemrede.medium.com/c%C3%A3es-ilhados-uma-met%C3%A1fora-do-genoc%C3%ADdio-arm%C3%AAnio-em-anima%C3%A7%C3%A3o-ead4a001db03>. Acesso em: 09 ago. 2024.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.